

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LAIANE MAYRA ALMEIDA BARROS

**ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA: Investigação sobre os sentidos e significados
sociais construídos pelos professores das séries iniciais do município de
Picos (PI) sobre o ser educador nas décadas de 1960 a 1990.**

PICOS - PI

2013

LAIANE MAYRA ALMEIDA BARROS

ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA: Investigação sobre os sentidos e significados sociais construídos pelos professores das séries iniciais do município de Picos (PI) sobre o ser educador nas décadas de 1960 a 1990.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Francisca Márcia Costa de Souza.

PICOS - PI

2013

B277e Barros, Laiane Mayra Almeida.

Entre história e memória: investigação sobre os sentidos e significados sociais construídos pelos professores das séries iniciais do município de Picos (PI), sobre o ser educador nas décadas de 1960 a 1990 / Laiane Mayra Almeida Barros. – 2013.

CD-ROM : 4 ¾ pol.; il. (51 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Profa. Ms. Francisca Márcia Costa de Souza

1. Profissão Docente. 2. Ensino Fundamental. 3. História e Memória. I. Título.

CDD 907.2

LAIANE MAYRA ALMEIDA BARROS

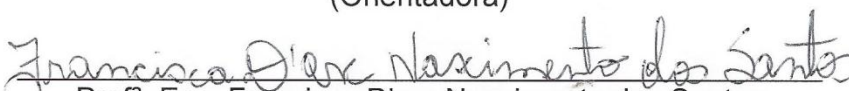
ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA: Investigação sobre os sentidos e significados sociais construídos pelos professores das séries iniciais do município de Picos (PI) sobre o ser educador nas décadas de 1960 a 1990.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciatura Plena em Pedagogia.


BANCA EXAMINADORA



Prof.^aMs. Francisca Márcia Costa de Souza
(Orientadora)



Prof.^a. Esp. Francisca D'arc Nascimento dos Santos
(Examinador)



Prof.^aMs. Maria Cezar de Sousa
(Examinador)

PICOS - PI

Dedico esse trabalho a todos que em mim confiaram, ao meu filho Mayron Adrian, pois, é a ele que faço e dedico todos os meus esforços, para toda uma sociedade picoense que esperam ansiosos por mudanças na educação, aos meus familiares, amigos e professores pela força e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida.

Aos meus pais, pelo incentivo e amor ao longo de minha vida.

Aos meus irmãos e familiares pela confiança e companheirismo nos momentos difíceis.

Ao meu esposo pelo incentivo e amor compartilhado.

Aos meus professores, pelo ensino e colaboração ao longo de minha formação acadêmica.

Aos meus amigos, pelo apoio e incentivo.

E aos colegas de turma, pela amizade construída no decorrer do curso.

Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar. Ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender.

Blaise Pascal.

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma reflexão sobre as histórias de vida de professores que vivenciaram a prática educativa no município de Picos entre 1960 a 1990. Traz, portanto, à luz do debate acadêmico, as mudanças de sentidos e significados sociais e culturais de ser professor da década de 60 a 90. Tendo como objetivo geral identificar os sentidos e significados sociais e culturais que envolvem a profissão docente entre 1960 a 1990; essas narrativas dão conta do recorte de 1960 a 1990 através das narrativas dos professores é possível perceber o contexto que repercutem essas memórias e histórias no Brasil, no Piauí e em Picos. Este trabalho trata-se de uma investigação de caráter qualitativo cujo levantamento de dados se realizou através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa participativa junto aos sujeitos sociais envolvidos. Para a realização desse estudo, foi utilizado como instrumento para coleta de dados um (01) questionário com onze (11) questões para entrevista com oito (08) professores que atuam ou já atuaram no magistério, com fins de coletar dados sobre a trajetória de vida, a vida escolar e a prática educativa em décadas diferentes. As análises dos dados foram feitas com o apoio de um amplo referencial teórico de autores como: Tobias (1986), Xavier, Ribeiro e Noronha (1994), Ferro e Brito (1996), Cambi, Nóvoa, Esteve e Cavaco (1999), Catani (2000), Sucupira, Vieira e Oliveira (2001), Veiga (2002), Soares (2004), Rizzini e Vieira (2005), Almeida, Enguita, Ferreira Júnior e Bittar (2006), com o intuito de verificar as mudanças sociais da profissão docente entre 1960 a 1990. As entrevistas revelaram concepções diferenciadas sobre educação e o papel do educador no Piauí, especialmente em Picos. Revelaram histórias e memórias, os sentidos de ser professor.

Palavras chave: Profissão. Carreira docente. Os sentidos sociais da carreira do professor.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection about the teaching career through the ages. Brings, therefore, in the light of academic debate, changes in the ways social teaching career of the decade 60-90. Aiming at identifying the importance of the teaching profession through the ages; addition, knowing a little about the history of the teaching career in Brazil, Piauí and peaks. This work is a qualitative research, data collection which took place through literature and field research in social subjects involved. In which to conduct this study, was used as an instrument for data collection one (01) questionnaire with eleven (11) questions for interviews with eight (08) teachers who work or have worked in teaching, with the purpose of collecting data on teaching career in different decades. Data analyzes were performed with the support of a broad theoretical framework of authors such as Tobias (1986), Xavier Noronha and Ribeiro (1994), Iron and Brito (1996), Cambi, Nóvoa, Esteve and Cavaco (1999), Catani (2000), Sucupira, Vieira and Oliveira (2001), Veiga (2002), Soares (2004), Rizzini and Vieira (2005), Almeida, Enguita, Ferreira Junior and Bittar (2006), in order to verify the changes in the teaching profession over the decades. The results obtained in this research indicate the understanding of the social position of the teacher as an opportunity to meet a whole past history of this profession often questioned, although it is clear recognition that the profession has not adequately recognized the value.

Keywords: Profession. Teaching career. The social meanings of the teaching career.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
2. O LUGAR SOCIAL DO PROFESSOR: O itinerário histórico sobre o lugar social do professor	12
2.1 O (des) prestígio profissional.....	12
2.2 Agentes de Deus, agentes dos reis, regeneradores da sociedade.....	14
2.3 Vestígios da mesma história educacional no Piauí e em Picos	19
CAPÍTULO II	23
3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SER PROFESSOR (A)	23
3.1 O perfil do professor na sociedade atual e os reflexos passados.....	26
CAPÍTULO III	32
ANÁLISE DOS DADOS	32
4.1 Percurso Metodológico da pesquisa	32
4.2 Resultados da Pesquisa	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICES	45

1.INTRODUÇÃO

Essa investigação debruça-se sobre a história e memória dos professores da cidade de Picos que dão conta do recorte aos sentidos e significados sociais e culturais da profissão docente entre 1960 a 1990. A profissão docente na sociedade atual tem sido um dos pontos de grandes questionamentos e discussões, em relação à remuneração salarial e as condições de trabalho oferecidas pelo governo, pois, comparando com as outras profissões o papel do professor possui a mesma importância, ou até mais, já que é através do professor que ocorre a formação para as outras profissões. Sabe-se, que o trabalho de magistério é uma das mais antigas profissões da história, além de ser também a que mais sofreu desprestígio socialmente e que ainda hoje, tem sofrido reflexos das décadas passadas.

Dessa forma, o tema em questão possui grande relevância, devido ser um assunto que merece reconhecimento e entendimento, e acima de tudo valorização, pois, o professor desde os primórdios exerce um papel fundamental para a sociedade, que é o de criar condições e possibilidades de passar, refletir, conhecer e produzir conhecimentos para viverem em sociedade. No entanto, é importante que se tenha conhecimento sobre o ser educador através das memórias dos docentes que vivenciaram na prática entre as décadas de 1960 a 1990. Por isso, optou-se pelo tema para que haja mais entendimento, conhecimento e valorização sobre o mesmo.

Desse modo, nessa pesquisa, buscou-se respostas para os seguintes questionamentos: O que é ser educador? Qual o papel social do professor? Como se deu a trajetória profissional, motivações e formação escolar e acadêmica do professor no Brasil, no Piauí e em Picos? E, qual a representação oficial do professor entre os discursos oficiais, formação e as representações sociais de ser educador?

Nesse contexto, desenvolveram-se estudos sobre a temática: Entre História e Memória: Investigação sobre os sentidos e significados sociais construídos pelos professores das séries iniciais do município de Picos (PI) sobre o ser educador nas décadas de 1960 a 1990. Tendo como objetivo geral investigar a história e a memória dos professores das séries iniciais do município de Picos, no estado do Piauí, entre

1960 a 1990; além, de conhecer sobre a trajetória do ser educador no Brasil, no Piauí e em Picos.

É importante destacar que a profissão docente, embora ainda passe por dificuldades, ela possui uma importância significativa para a sociedade que é a de ser a base para dar formação profissional para o indivíduo. Todavia, pouco a pouco com as mobilizações sociais dos próprios profissionais relacionados à valorização do professor, tem melhorado um pouco a situação.

Com isso, para a realização desse estudo foi utilizado como instrumento para coleta de dados um (01) questionário com onze (11) questões para entrevista com oito (08) professores que atuam ou já atuaram no magistério, no intuito de coletar dados sobre os sentidos e significados construídos historicamente sobre ser educador em décadas diferentes, enfatizando as condições de trabalho, reconhecimento da profissão e a importância de ser professor.

Para tanto, este trabalho encontra-se fundamentado em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, em que dentre os autores citados destacam-se: Tobias (1986), Xavier, Ribeiro e Noronha (1994), Ferro e Brito (1996), Cambi, Nóvoa, Esteve e Cavaco (1999), Catani (2000), Sucupira, Vieira e Oliveira (2001), Veiga (2002), Soares (2004), Rizzen e Vieira (2005), Almeida, Enguita, Ferreira Júnior e Bittar (2006), com o intuito de verificar as mudanças sociais da profissão docente no decorrer das décadas.

Dessa forma, o trabalho monográfico encontra-se dividido em três (03) capítulos. No primeiro capítulo será abordado O lugar social do professor: o itinerário histórico sobre o lugar social do professor, que divide em três tópicos: o (des) prestígio profissional; agente de Deus, agentes dos reis, regeneradores da sociedade; e, vestígios da mesma história educacional no Piauí e em Picos. Em que estes destacam um pouco sobre a história da profissão docente, as permanências e transformações através dos tempos, o desprestígio da profissão e o seu reconhecimento social.

O segundo capítulo enfatiza as representações sociais de ser professor (a), que se divide em: o perfil do professor na sociedade atual e os reflexos passados. Em que serão destacados sobre o modo como o professor era visto, a sua representação e a sua importância diante de uma sociedade dependente de melhorias educacionais.

E, no terceiro capítulo apresenta a metodologia da pesquisa (análise dos dados) por meio do percurso teórico/ metodológico e a narrativa alinhada com os sentidos construídos por professores que vivenciaram na prática entre as décadas de 1960 a 1990, obtidos no período da coleta de dados. E, para finalizar a pesquisa serão apresentadas as considerações finais, a referência bibliográfica utilizada na pesquisa e os apêndices.

CAPÍTULO I

10 LUGAR SOCIAL DO PROFESSOR: O itinerário histórico sobre o lugar social do professor.

1.1 O (des)prestígio profissional

O magistério é uma das mais antigas profissões da sociedade ocidental, tanto quanto a medicina e o direito. No entanto, a estreita vinculação de suas origens ao trabalho escravo dos pedagogos e dos homens em decadência financeira, vai fixá-la em um patamar de função desprestigiada socialmente.

Segundo Cambi (1999, p. 23), “tal situação vai perdurar por todo o transcurso da antiguidade clássica ganhando outras nuances na Idade Média, quando, sob a tutela da Igreja, o magistério passa a ser divulgado na sociedade como uma missão nobre e divina”.

No entanto, nos tempos modernos, no século XVIII o magistério se apresenta como um marco importante para a história da profissão docente. Trata-se de um período em que começaram a surgir por toda a Europa preocupações concernentes ao perfil ideal do professor: religioso ou leigo, vinculado à Igreja ou ao Estado. Nesse sentido, foram definidas regras de seleção e nomeação dos professores que incidiram nas dinâmicas de sua afirmação profissional e de reconhecimento social dos mesmos. Mas, qual o lugar social reservado aos professores nesse período?

Conforme a profissionalização do professorado, no século XVIII, os professores passaram a ocupar um lugar de relevância social por razão das finalidades sociais de que eram portadores. Segundo estudos realizados por Nóvoa (1999, p. 17) os professores:

São funcionários, mas de um tipo particular, pois a sua ação está impregnada de uma forte intencionalidade política, devido aos projetos e às finalidades sociais de que são portadores. No momento em que a escola se impõe como instrumento privilegiado da estratificação social, os professores passam a ocupar um lugar-charneira nos percursos de ascensão social, personificando as esperanças de mobilidade de diversas camadas da população: agentes culturais, os professores são também, inevitavelmente, agentes políticos.

Com isso, ainda nas análises feitas por Nóvoa (1999) nos levam ao entendimento de que, embora no século XVIII haja uma nítida preocupação em criar técnicas e normas para a profissão docente, estas são elaboradas por outros especialistas, sem a participação efetiva do professorado. Todavia, os professores vão aderir ao projeto do Estado que situa sua condição sócio profissional entre o funcionalismo público e a profissão liberal.

No mesmóséculo XIX, os professores do ensino primário, não tiveram o seu status social claramente delineado na sociedade:

[...] não são burgueses, mas também não é povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm uma influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda a ostentação; não exercem o seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia; etc. (NÓVOA, 1999, p. 18).

Segundo o autor supracitado, somente nas décadas de viragem do século XIX para o século XX, os professores passam a ter uma presença mais ativa no sistema educativo participando da elaboração de normas, técnicas, do currículo que a escola dispõe. Ao assumirem tais funções findam por elaborar os mecanismos de valorização da profissão docente e, conseqüentemente, de melhoria do seu estatuto sócio profissional. A exigência da formação específica especializada e longa dos professores, feitas em Escolas Normais é um exemplo significativo das tentativas de assegurar um perfil próprio do ser professor e, por conseguinte, um status social de relevância.

As primeiras décadas do século XX são consagradas como os anos de ouro da profissão docente. Nessa conjuntura a sociedade reconhece a educação escolar como estratégia de ascensão social e os professores são exaltados como principais promotores dessa ascensão e do progresso das nações possuindo, aos olhos da sociedade, grande poder simbólico.

Gozam de grande prestígio social e usufruem de uma situação econômica digna, condições que são consideradas essenciais para o cumprimento da importante missão que está, é possível verificar que, nos anos vinte, os professores sentem pela primeira vez confortáveis confiada aos professores. Apesar de manterem uma dinâmica reivindicativa forte no seu estatuto socioeconômico. (NÓVOA, 1999, p.21).

Assim, apesar dos avanços conquistados pelos professores nesse princípio de século XX, a carreira de professor continuava a ter as mesmas contradições do século XIX. Afinal, de um lado estava o professor com formação nos liceus, escolas normais e faculdades com seu prestígio social garantido, do outro os mestres-escolas e as professoras leigas com formação precária ou formação nenhuma, continuavam exercendo a docência em escolas e em casas de particulares conforme sua capacidade e estilo pedagógicos já discriminados pelos colegas de profissão e até mesmo pela sociedade.

Ainda em meados do século XX, alguns acontecimentos iriam reforçar a relevância dos professores como grupo profissional enquanto outros contribuiriam para reforçar sua desvalorização. Sobre a desvalorização da profissão docente Enguita (1991) destaca o lugar intermediário e instável entre a profissionalização e a proletarização dos professores semelhantes às classes operárias, destacando ainda que:

Além do [...] seu crescimento numérico [dos professores], a expansão e concentração das empresas privadas do setor, a tendência ao corte dos gastos sociais, a lógica controladora da Administração pública e a repercussão de seus salários sobre os custos da força de trabalho adulta (ENGUITA, 1991, p.49).

Nessa perspectiva, atualmente alguns autores que discutem o lugar social do professor pelo viés da desprofissionalização docente, ou seja, da indefinição da especificidade de ser professor e o seu lugar na sociedade. Já, que o processo de profissionalização docente sempre se alternou com o processo de desprofissionalização. Até porque, como bem explica Nóvoa (1999, p. 17), a “afirmação profissional dos professores, a distinção do seu lugar social, é um percurso repleto de lutas, conflitos, avanços e recuos”. Assim, a profissão docente tem se tornado uma questão social que nos últimos tempos tem se tornado um dos assuntos mais debatidos e questionados que é a valorização do profissional de educação.

1.2 Agentes de Deus, agentes dos reis, regeneradores da sociedade.

A história da profissão docente no Brasil tem início com a chegada dos padres jesuítas que aqui vieram com a missão pedagógica de educar os índios e os

filhos dos colonos na doutrina cristã e instruí-los na leitura, na escrita e na aritmética. Através da ação educativa e educacional desses padres-professores, reproduz-se no Brasil a gênese da profissão docente tal qual na Europa, ou seja, uma profissão forjada no seio das congregações religiosas.

A gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas, que se transformaram em verdadeiras congregações docentes. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e de valores específicos da profissão docente (NÓVOA, 1999,p.15).

Durante mais de dois séculos (1549-1759), o exercício do magistério no Brasil esteve concentrado nas mãos dos jesuítas. Tobias (1986, p. 32), afirma que, “[...] as primeiras lições, no Brasil, desde as escolas de ler e escrever até o ensino superior, encontram-se totalmente nas mãos dos Jesuítas e da Contra- Reforma.” Havia ainda os preceptores particulares, além de parentes letrados que por vezes desempenhavam o magistério junto aos filhos das parentelas.

Dessa forma, os jesuítas serão apresentados como o ideal de professor no período colonial. E, desta forma vão agregar à profissão docente no Brasil o “valor atribuído ao sacerdócio, afinal professores-padres eram percebidos socialmente como homens de visão, estadistas e eméritos educadores” (TOBIAS, 1986, p. 34). No entanto, já com a implantação da reforma pombalina no Brasil colonial vai promover mudanças no status social do professor. Era, exigido dos nobres professores, compromissos morais e acima de tudo compromissos políticos em função do reerguimento do Império lusitano. O próprio título, Professor Régio, evocava uma representação simbólica do papel a ser assumido pelos professores: súditos do Rei.

Na prática, não havia garantias do prestígio adquirido no papel, até porque,

Sem pagamento condigno, os melhores professores, os mais gabaritados cientistas e investigadores, ou abandonam o magistério ou procuram outras profissões, fazendo do ensino simples “bico”, ou então, como se torna cada vez mais frequente, deixam muita vez o Brasil, perdendo a Nação seus melhores e mais onerosos filhos em proveito de outros governos, cuja política educacional, mais alertada, sabe remunerar decentemente os professores (TOBIAS, 1986, p. 104).

Para tanto, na década de vinte do século XIX, o exercício do magistério em terras brasileiras encontrava-se sob o controle do Estado português. Somente com o

advento da independência política do Brasil em relação a Portugal, quando surge a necessidade de reestruturar a instrução pública no Estado brasileiro, é que podemos observar a elaboração de leis que delineiam mudanças no exercício das funções docentes e no lugar social do professor. Segundo Sucupira (2001), “a Lei de 15 de outubro de 1827 vai estabelecer concurso público para o ingresso no magistério, à formação do professorado, salários iguais para mestres e mestras do mesmo grau de ensino, entre outras determinações”. Entretanto, o reconhecimento social do professor estará vinculado à política partidária do Império.

Ocorre que, em consequência do Ato Adicional de 1834, cada província brasileira, tratou de produzir um conjunto de leis que buscava regulamentar e uniformizar a prática docente. No entanto, observa Rizzini (2005), a despeito das inúmeras leis promulgadas no sentido de produzir o lugar social de professor primário no quadro do funcionalismo público do Império, o exercício do magistério ficara à mercê dos “[...] interesses políticos, eleitorais e do clientelismo do Estado.” (RIZZINI, 2005, p.13.).

Com isso, os professores provinciais foram envolvidos nas tramas dos poderes locais, engendradas pelo revezamento entre representantes dos partidos políticos liberais e conservadores, que em meio a um intenso jogo de interesses particulares transformaram o magistério público em cenário de disputas, onde não cessavam as contratações, demissões e substituições dos mestres. A situação de instabilidade nas funções docentes possibilitou a proliferação de uma rotina de “arranjos”, onde reconhecimento profissional é sobreposto por uma rede clientelística de poder, direcionadora até mesmo do fazer pedagógico.

Em estudos realizados acerca da profissão docente no Império brasileiro, Veiga (2002, p. 38) ressalva que, nesse período era praticamente “inviável o funcionamento da instrução pública nas províncias brasileiras. Constantes eram a improvisação de mestres e as contínuas vacâncias nas cadeiras de primeiras letras das vilas e povoações”. Ainda no pensamento de Veiga (2002), essa prática só era possível porque na realidade do Estado imperial, o professor não ocupava um lugar social na estrutura administrativa enquanto profissional, mas tão somente, enquanto um agente político detentor de um emprego:

[...] isto relaciona-se não apenas ao fato de permanência de precaríssimas condições de sua formação e da possibilidade de ocupar um cargo sem ter habilitação formal, mas do tratamento dado

a este cargo na legislação. Nesta é significativa a presença de normalizações que dizem respeito à ocupação de um cargo e estabelecimento da carreira para a formação da rede do funcionalismo, sendo que os investimentos na profissionalização do professor foram muito pouco significativos no sentido de dota-lo das competências necessárias ao exercício de seu ofício. (VEIGA, 2002, p.9).

Observa-se então, que o próprio corpo docente do Estado Imperial era visto com cautela pelo executivo, pois “ao mesmo tempo em que os mestres poderiam desenvolver uma prática educativa fortemente comprometida com o funcionamento do aparelho estatal, eles também poderiam elaborar críticas ao sistema vigente” (CATANI, p. 23). Dessa forma, o lugar social ocupado pelo professorado dúbio posto que, ao mesmo tempo em que são vistos uma solução para problemas administrativos e de consolidação do poder central, também configuram como uma fonte de problemas e preocupações na medida em que podem se aliar ao potentado local no embate pela descentralização do poder.

No contexto da República Velha (1889-1930) as Escolas Normais começavam a atingir sua estabilidade de funcionamento, a formação de professores passou a ser mais estruturada e o exercício do magistério alinhavado por normas métodos e inspeções. Agora “o professor passa a ser compreendido como regenerador da raça, formador de pessoas cultas, responsável por instruir para controlar a criminalidade, formar operários, formar uma nação” (XAVIER, RIBEIRO, NORONHA, 1994, p. 115). Seu destaque na sociedade encontra-se vinculado a outras forças sociais e políticas na luta contra o analfabetismo e a favor de uma educação escolar obrigatória, gratuita, leiga, extensiva a todos os cidadãos em idade de 4 a 18 anos, como pleiteada pelos Pioneiros da Educação Nova no Manifesto de 1932.

Nesta perspectiva, os pioneiros reivindicavam ações de reestruturação na formação dos professores da época e solicitavam melhores salários. Não bastava somente a formação secundária, “geral”, mas um espírito pedagógico que se solidificaria na universidade.

Ainda na primeira metade do século XX, o magistério ganhava mais força por meio do poder feminino. Segundo Almeida (2006, p 97), “a mulher considerada frágil, mantenedora do lar e de princípios familiares, passou a ser vista pela sociedade da época como a pessoa certa para assumir o magistério do ensino primário e da educação das crianças”. Do lado do governo o magistério feminino era

percebido como uma vocação, sem necessidade de maiores remunerações, do lado das mulheres os motivos que as levaram a ocupar os cargos de professora estavam relacionados a uma realização social de prestígio, e também para atender à necessidade feminina em ocupar o seu espaço no quadro social da época. “Esse saber público era, de certa maneira, a via de acesso ao poder. E tanto o saber como o poder são passíveis de confronto com os sistemas de desigualdades e opressão”. (ALMEIDA, 2006, p.103-104). Sem dúvida, a presença feminina no magistério provocou mudanças na história da educação e significou acima de tudo, a inserção da mulher no mundo do trabalho, mesmo que de forma ainda precária e injusta, por causa dos baixos salários.

Até a primeira metade dos anos de 1960 a situação do magistério brasileiro, de modo geral, apresentava os mesmos contornos sociais das décadas anteriores, ou seja, uma categoria profissional pequena, com origem social proveniente das camadas médias e até da elite, pouco afeita à organização sindical. Nos longos vinte e um anos (1964-1985) de governo militar as políticas educacionais de extensão da obrigatoriedade escolar estabeleceram dois impactos profundos na profissão docente: o crescimento numérico dos professores e o arrocho salarial.

A extensão da escolaridade obrigatória de quatro para oito anos ocasionou a rápida expansão quantitativa da escola fundamental, exigindo, para o seu atendimento, a célere formação dos educadores, o que se deu de forma aligeirada. A combinação entre crescimento quantitativo, formação acelerada e arrocho salarial deteriorou ainda mais as condições de vida e de trabalho do professorado nacional do ensino básico, tanto é que o fenômeno social das greves, entre as décadas de 1970 e 1980, teve como base objetiva de manifestação a própria existência material dos professores públicos estaduais de 1º e 2º grau (FERREIRA JÚNIO, BITTAR, 2006, p. 1166).

Nesse sentido, em termos de desvalorização da profissão docente nesse período, Ferreira Júnior e Bittar (2006, p. 56) consideram que, “o arrocho salarial foi uma das marcas registradas da política econômica do regime militar”. O professorado do ensino básico foi um dos mais atingidos pelas medidas econômicas que reduziram drasticamente a massa salarial dos trabalhadores brasileiros e conseqüentemente seu prestígio social. O processo de precarização do trabalho docente vai ter seu impulso acelerado no final da década de 1970 e a perda do poder aquisitivo dos salários vai assumir papel relevante na sua ampla mobilização, que culminou em várias greves estaduais entre 1978 e 1979.

A política educacional do regime militar abrangeu ao longo dos seus vinte e um anos de duração, todos os níveis de ensino, alterando a fisionomia da profissão docente nos níveis de 1º e 2º graus (ensino fundamental) provocando mudanças, algumas das quais visivelmente presentes no panorama atual do século XXI. Especialmente no que concerne a desmistificação das atividades pedagógicas do professor como ocupação especializada, os baixos salários, a burocratização excessiva e a falta de autonomia diante de uma carga de normativas distribuídas pelos núcleos de educação, contribuem, de forma constante e acentuada, para a perda do *status* social do professor.

1.3 Vestígios da mesma história educacional no Piauí e em Picos

Assim como em outras regiões, a precarização da profissão docente se faz notar no Estado do Piauí e, conseqüentemente, na municipalidade de Picos em semelhança às outras regiões. Também no Piauí, a história da profissão docente está vinculada à ação educativa dos missionários jesuítas e capuchinhos no período colonial. Da mesma maneira, após a expulsão dos jesuítas, um ou outro professor régio fora contratado para ministrar aulas de humanidades aos meninos, filhos da elite piauiense e filhos de indígenas.

Por conseguinte, o status social dos primeiros mestres estava vinculado a sua condição de padre, ou seja, membros da Igreja católica, uma das mais poderosas instituições sociais do período. Quanto aos professores régios, sua posição social era marcada pela promessa de privilégios de uma pequena nobreza, embora se tenha notícias de professores régios sendo expulsos das casas-escolas por eles alugadas no Piauí por falta de pagamento dos aluguéis.

Mesmo no transcurso do século XIX, quando o Piauí alça a categoria de província independente do Maranhão e a formação de professores passa a fazer parte das pautas de discussões locais, constata-se que pouca relevância social que estes representavam encontrava-se relacionada ao seu papel político. A nomeação dos professores não atendia, necessariamente aos critérios de qualificação para o magistério, ser professor era ter conhecimentos políticos e se submeter ao baixo salário, fato que ainda hoje se perpetua em nossa sociedade.

A criação da Escola Normal no Piauí em 1864 vai proporcionar certo destaque a profissão docente naquela Província. Segundo Soares (2004, p. 59), em

seu princípio a “Escola Normal do Piauí destinava-se à formação de professores de primeiras letras tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino”. Após três anos de precário funcionamento em detrimento a pouca quantidade de alunos a Escola Normal foi extinta e reaberta posteriormente, repetindo esse ciclo até o século XX.

No século XIX houve pouca atenção aos cursos de magistério no Piauí. Na sua maioria eram tratados de forma banal e, desta feita, o direito de lecionar era concedido a pessoas sem qualificação. A autora retrata ainda como fator de desinteresse da população em cursar o curso normal, o desprestígio de ser professor do ensino de primeiras letras. Permanecia a abertura de concurso para qualquer pessoa leiga que soubesse apenas ler, escrever e contar.

Nesse período, meados do século XIX, a Vila dos Picos já contava com sua aula de primeiras letras para meninos, possivelmente um padre:

A primeira notícia que, até então, se tem a respeito da educação formal, na Povoação de Picos, vem através do documento do início do ano de 1851, em que o professor público de primeiras letras de Picos, Joaquim Jusselino Viriato Formiga, solicita um mês de licença para fazer sua mudança de Jaicós para Picos. (VIEIRA, 2005, p. 27).

Embora, as maiorias dos candidatos ao magistério tivessem que comprovar sua capacitação através de concurso público o que predominava no período era o apadrinhamento político. Segundo Vieira (2005, p. 23) “bastava saber ler e escrever e ter um padrinho político que lhe indicasse para o cargo”, aos demais os baixos vencimentos e o atraso no pagamento dos soldos contribuía para que pessoas habilitadas renunciassem ao cargo de professor, dando oportunidades para quem não fosse habilitado. Situação que agravava, sobremaneira, o status social do professor.

De forma paradoxal, como se tinha poucos profissionais habilitados para o magistério, estes gozavam de grande prestígio social, eram valorizados socialmente pelos poucos conhecimentos que sugeriam possuir, embora, no aspecto econômico, sempre recebessem baixos salários (vencimento), muitas vezes pagos com produtos da roça: feijão, milho, farinha, goma.

O exercício do magistério em Picos pelas mulheres não fugia a regra. Mulheres prestavam concurso, mas não assumiam as vagas, outras eram denunciadas de não possuírem nenhuma habilitação para o magistério, e outras tantas eram denegridas moralmente. Como cita Vieira (2005, p.43): “[...] em muitos

os casos, a conduta moral [das mulheres] parecia ser mais importante para exercer-se o magistério do que a habilitação”.

No que diz respeito ao lugar social dos professores com os alunos, aqueles possuíam grande autoridade moral. Um direito concedido pela família aos mestres de fazer uso da palmatória para castigar os alunos quando merecessem; a palmatória era tida como um símbolo que representava o profissional docente, usufruindo do seu direito de comandar a sala de aula. Fora esse aspecto, muito raro era o reconhecimento da profissão da Vila dos Picos.

Na mesma época observa-se maior participação da mulher no campo educacional, cuja remuneração chegava a ter um caráter apenas simbólico. Assim, se pode compreender a profissão docente como uma missão, uma vocação e não com uma verdadeira profissão. Lembremos que, nesse período, o ideal de profissão no Piauí ainda circulava em torno da figura do fazendeiro ou do vaqueiro.

Em princípios do século XX, assiste-se o gestar de uma mentalidade no Piauí similar ao que se constatava noutras partes do Brasil. Trata-se de uma nova concepção de educação que exigia maior preparação do indivíduo para exercer o magistério, Soares (2004) observa que, tal preocupação refletiu-se na elaboração do currículo da Escola Normal do Piauí na década de 1931:

Este currículo retrata uma nova concepção do ensino normal que sai da elitização cultural em busca da competência profissional, favorecendo a entrada de camadas menos ricas que buscavam o ensino normal como um curso de preparação para um trabalho para o qual já possuíam supostamente aptidão latente. (SOARES, 2004, p.70).

Nesse contexto, com a isenção das taxas de matrícula na Escola Normal do Piauí, assistimos a inserção das camadas mais baixas nos cursos normais. Todavia, a escassez de professoras formadas fazia com que os professores, independentes da classe social fossem valorizadas e reconhecidas como pessoas importantes dotadas de conhecimento e cultura. Ao que parece não se falava, nessa época, em melhorias salariais e sim em ter o reconhecimento da sociedade.

Em Picos a presença das professoras normalistas, vindas de Teresina para atuarem no Colégio Coelho Rodrigues, vai colocar em destaque o magistério feminino. Professoras formadas, diplomadas para lecionar, eram vistas por aquela comunidade como patriotas, pessoas abnegadas, dedicadas ao país, responsáveis

pela formação dos futuros cidadãos do Brasil. Enquanto para a sociedade as professoras eram patriotas, para elas o magistério era um sacerdócio, uma missão que tinha que cumprir, mesmo com os baixos salários. Segundo Vieira (2005), o prestígio social alcançado pelo magistério nesse período, iria de desvanecer nas décadas seguintes do século XX, quando as “missões patrióticas” dos mestres não conseguem sua plenitude:

Essa concepção do magistério feminino iria aos poucos desaparecendo do discurso dos inspetores que visitam o referido grupo escolar. A partir do início da década de 1950, os relatórios da inspeção revelam que o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, embora continuasse funcionando com o cumprimento rigoroso do programa e possuísse uma frequência elevada de alunos, já não conseguia apresentar uma realidade favorável aos olhos e critérios dos inspetores (VIEIRA, 2005, p. 87).

Dessa maneira, quando decretado o Golpe Militar na década de 1960, O professorado da cidade de Picos é atingido pelas medidas econômicas que reduziram drasticamente a massa salarial dos trabalhadores brasileiros afetando negativamente seu prestígio social. Adotando como parâmetro o magistério feminino, cada vez mais distante ficava a imagem das orgulhosas professoras normalistas, bem vestidas e elegantes. Em seu lugar vai emergindo, lentamente, a professora militante, envolvida nos movimentos grevistas, denunciadoras dos baixos salários e das péssimas condições de trabalho. São estas que vão perdurar até os dias atuais.

CAPÍTULO II

2AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SER PROFESSOR (A)

A profissão docente requer uma atenção especial no sentido do currículo do curso de licenciatura; hoje já temos uma formação direcionada para a profissão, havendo nos anos acadêmicos uma relação entre as universidades e as escolas, podendo assim relacionar teoria e prática, isso acontece devido os estágios supervisionados, disciplina obrigatória da graduação. Ao longo dos anos todas as profissões sofreram mudanças e alterações, apenas a profissão docente continuou quase intacta, sem mudanças significativas; os valores atribuídos caíram em desuso e utiliza-los hoje é o mesmo que regredir ao passado. É preciso que os professores se reencontrem no tempo, busquem valores que acrescentem significado a sua ação regida pela ética em consolidação com os outros membros da educação e na promoção de um ensino de qualidade.

Nóvoa (1999, p. 22) destaca que “a profissão docente é a que possui maior quantidade nas sociedades contemporâneas, e esse fato dificulta o seu estatuto socioeconômico”. Isso acontece por todos conhecerem professores que não investem na sua própria profissão, que não possui competências para lecionar e não faz nada para reverter esse fato; devido a isso todos ‘pagam’ por uma minoria. A profissão de professor deveria se basear na seleção e na diferenciação, tendo como critério o mérito e a qualidade.

O mesmo autor faz uma síntese sobre as reflexões de Philippe Perrenoud (1991a), onde se interroga sobre o papel de pensar o futuro e dentre as várias camadas da sociedade resta à escola esta tarefa:

O inventário poderia continuar, encaminhando- nos pouco a pouco para a constatação de que a escola é, talvez, o lugar onde se encontra hoje em dia o maior número de pessoas altamente qualificadas, que se concentram relativamente protegidas dos confrontos políticos, das competências comerciais e das tentações gestionários. Será que pertence a escola um papel primordial na tarefa de pensar o futuro? Provavelmente, sim. (NÓVOA, 1999, p.31).

Nesse sentido, cabe a escola o papel de pensar o futuro, a responsabilidade maior ainda é para os professores, é um desafio muito grande! Os professores são

os que representam maior quantidade em número como também em qualificação acadêmica dentre os outros profissionais da escola. Por esse fato não se deve mais continuar a menosprezar as suas capacidades de desenvolvimento, pois, é na escola que está concentrado maior parte do potencial cultural das sociedades contemporâneas. A profissão docente precisa ser recriada, necessita isso de um projeto exigente e rigoroso que dê autonomia aos professores construindo uma nova história para a educação e para os membros que a compõem.

A memória é uma ferramenta fundamental na reconstrução de saberes docente principalmente quando se trata da questão de mudanças de significados, o valor social que o professor ocupa na sociedade. Assim, de forma alguma se pretende reafirmar a questão da identidade, pelo contrário, o que queremos é conhecer os sentidos construídos durante a trajetória do trabalho docente. Ao coletar informações relatadas por professores estamos reconstruindo a história da educação com os fatos, os acontecimentos, as vivências individuais e coletivas nos quais os professores passavam no seu dia-a-dia em décadas diferentes.

Histórias de vida põem em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, os seus repertórios. Numa história de vida podem ser identificadas as rupturas e as continuidades, as coincidências no tempo e no espaço, as 'transferências' de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano. (OLIVEIRA, 2001, p.22).

Diante disso, a história de vida das situações enfrentadas no cotidiano de cada profissional docente e a maneira no qual resolveram essas situações; trazem também os valores atribuídos, a força, o brilho, a sensatez e com isso podemos perceber as transferências de interesses e de preocupações nos acontecimentos vividos por esses profissionais. Com a utilização da memória como ferramenta de investigação e coleta de dados, o professor é considerado sujeito no processo de formação e autoformação, contribuindo para a reconstrução de sua própria história.

Voltar ao passado através da memória permite ao professor além de reconstruir a sua história profissional como também recordar as lembranças, as vontades e os sonhos; as conquistas realizadas que muitas vezes ficam esquecidas pelas dificuldades que enfrentou e pela desvalorização que enfrentam. Ser professor é ser um profissional da educação, é crescer juntamente com seus alunos, é intermediar o conhecimento, valores, ética, é ser inspiração para muitos, é direcionar

as pessoas em busca de um futuro melhor, é fazer o país crescer com pessoas de bem, honestas e sábias que adquiriram tais conhecimentos com esse profissional muitas vezes esquecidos pela sociedade, mas, que souberam cumprir o seu papel de educador.

Talvez, assim, possamos a começar a pensar o nosso tempo, não como uma época de impossibilidades, mas como um momento em que não precisamos fugir dos paradoxos, das oposições. Mas entrar em contato com o que está na superfície e é capaz de nos arrancar de amarras tão profundas e pesadas, como a tristeza, como a inércia. (OLIVEIRA, 2001, p.25).

Ser professor, portanto, não é um ato de se envergonhar, pelo contrário, devemos nos orgulhar da tantas conquistas que conseguimos através de cada pessoa que passam por nós, somos o alicerce de toda uma sociedade onde advêm todas as profissões; por isso: somos importantes!

Muitas vezes é preciso voltar ao passado para entender o presente e assim prever o futuro. Isso implica necessariamente o trabalho com a memória; requer tempo, dedicação, envolvimento e lembranças. Devemos sempre estar cientes para o fato de que a memória não é um sonho e sim um trabalho, que deve ser levado com seriedade. Esteve (1999), em minucioso estudo acerca das mudanças sociais e da função docente, assevera que estas aconteceram de forma rápida e ténues.

Nos últimos vinte anos, as transformações sociais, políticas e econômicas foram tão acentuadas que, quando falamos sobre a sociedade no princípio dos anos 70, verificamos que os pontos de contacto com a realidade actual são muito ténues. A situação é idêntica em relação ao sistema educativo. (ESTEVE, 1999, p.95).

Destaca-se ainda, que as mudanças ocorridas em cada setor da sociedade foram muito rápidas; desde então houve um deslocamento de sentidos em relação à educação, conseqüentemente em relação aos docentes, pois estão diretamente ligados nesse processo. É nesse momento de desilusão que surge as ideias de reformas, mas para que essas reformas se concretizem é preciso do apoio dos professores e da sociedade que geralmente deixam de acreditar na educação como busca de um futuro melhor e então estes passam a efetivar o trabalho dos docentes desestimulados, muitas vezes renunciando-os pelo fato de sentirem desvalorizados.

A passagem de um sistema de ensino de elite para um sistema de ensino de massa implica um aumento quantitativo de professores e alunos, mas também o aparecimento de novos problemas

qualitativos, que exigem uma reflexão profunda. (ESTEVE, 1999, p. 96).

Com isso, a sociedade muda e, conseqüentemente as nossas práticas de ensino também devem mudar, mesmo que algo deu certo em um período da sua vida, mas, que não faz mais sentido continuar com os mesmos métodos nos anos posteriores. Nós, profissionais da educação temos que estar aptos a mudanças e sempre inovando consciente que o processo de formação se dá de forma continuada.

2.1 O perfil do professor na sociedade atual e os reflexos passados.

Ensinar hoje é diferente de ensinar antigamente, se a clientela destinatária muda, os educandos, teve um número elevado presentes nas escolas, cria-se salas heterogêneas, pessoas com vários tipos de personalidade, comportamentos e níveis de conhecimentos diferentes, é aí que acontece às desilusões do profissional docente, por não conseguir se enquadrar e desempenhar o seu papel frente a essa nova realidade.

Houve um tempo em que só frequentavam o ensino secundário eram pessoas que pertenciam a classes sociais mais elevadas, pessoas da elite, o que tornavam mais fácil para o professor, pois, eram grupos homogêneos. Com a expansão do ensino tirou-se essa facilidade que os docentes encontravam para desempenhar o seu trabalho, devido à uniformidade.

Atualmente há uma enorme dificuldade para lecionar essas classes heterogêneas precisando que o professor reflita a sua aula e muitas vezes supram as carências desses alunos em relação ao meio em que se encontram. Vemos aí mais uma função atribuída ao professor. Esteve (1999, p. 94), dá ênfase à “mudança do sistema educacional da elite, baseado na seleção e competência, para a “massa” baseada na flexibilidade e integração”. Diante disto, fica claro que diminuiu o interesse do discente para estudar e o reconhecimento social da educação, não havendo mais tantas exigências do perfil do alunado quanto antes. Com o fracasso da universalização para a massa como meio de igualdade do direito a educação, o professor passou a ser desvalorizados e acusados por serem os que estão diretamente ligados ao sistema educativo, porém, também é vítimas de todo um sistema, pois, a educação é de responsabilidade não só do professor como também

da escola, da família, do Estado e de toda uma sociedade; uma vez que se o aluno vai bem é porque são bons estudantes e se o aluno vai mal é culpa do professor. Essa desvalorização profissional em que o professor se encontra é uma das marcas do nosso tempo.

O desenvolvimento de fontes de informações alternativas, basicamente dos meios de comunicação de massas, obriga o professor a alterar o seu perfil de transmissor de conhecimentos. (...) tentar uma lição magistral sobre um tema que os alunos já conheçam através da televisão pode tornar-se um terrível fracasso. (ESTEVE, 1999, p.101).

Diante dessa visão, uma das causas da mudança da posição social do professor é a tecnologia, o professor deixa de ser o centro das atenções como a única fonte do saber, sentindo a necessidade de se atualizar para integrar o saber e a tecnologia, dando um novo rumo ao seu trabalho. Esteve (1999, p. 105), aponta que “para muitos pais, o facto de alguém ser professor tem a ver com uma clara incapacidade de ‘ter um emprego melhor’, isto é, uma atividade profissional onde se ganhe mais dinheiro”. A visão, sobretudo econômica está determinando diretamente o status do professor. No final da década de 70 o profissional docente era respeitado, visto como alguém superior por ter o saber, ele era apreciado principalmente no meio rural, infelizmente isso não é o que ocorre hoje, uma boa profissão é caracterizada não mais pelo saber, pelo dom e sim pelo valor que receberás mensalmente, o salário.

O referido autor comenta ainda que “o professor é visto como um pobre diabo que não foi capaz de arranjar uma ocupação mais bem remunerada”. (ESTEVE, 1999, p.105). Essa concepção em que a sociedade tem hoje faz com que muitos desistam da profissão e vá buscar uma ocupação bem remunerada em outra área, e estes que não conseguiram enfrentar os problemas do dia-a-dia do magistério são os mesmos que criticam os que ficaram e deram continuidade ao seu trabalho. É preciso antes de tudo ter amor à profissão, gostar do que faz para atuar nela e lutar junto aos demais por melhorias, sejam elas salariais ou melhores condições de trabalho.

Para tanto, se o status do professor depende do valor que ele recebe mensalmente, que estes sejam então compensados pelo seu trabalho, pagos como deveriam para atuarem de forma digna e com ânimo em exercer uma profissão tão importante, a de formar cidadãos.

A violência na escola é um problema que foi gerado após a universalização e obrigatoriedade do ensino, tendo surgido com a massificação e estando presentes geralmente em escolas periféricas com altas taxas do fracasso escolar e também por serem obrigados a frequentar a escola até os 18 anos de idade. Contudo é preciso que aumente nessas zonas desfavorecidas a quantidade de profissionais e melhores meios para diversificar o ensino tornando-o atrativo.

Na mesma época houve também uma fragmentação do trabalho docente segundo Esteve (1999, p. 108), constatando que “muitos profissionais fazem mal o seu trabalho, menos por incompetência e mais por incapacidade de cumprirem, simultaneamente, um enorme leque de funções”. Ao professor é atribuído além da função de dar aulas, planejar, organizar o seu tempo, avaliar, coordenar, administrar e às vezes até vigiar o recreio dos alunos. Com tantas atividades acabam por desempenhar mal o seu papel, não significando ser incompetente muito pelo contrário, mas por estarem sobrecarregados de tantas funções afetando a qualidade do ensino.

Muitos profissionais docentes têm um choque com a realidade, principalmente quando ainda novatos, ao se deparar com os problemas e dificuldades da realidade tão diferentes das teorias estudadas na sua graduação, ainda mais quando os veteranos os intimidam com as turmas piores, os alunos e as condições defasadas de trabalho, dificultando a sua atuação nos estabelecimentos de ensino. Hoje temos durante os anos de graduação vários estágios supervisionados que nos permitem confrontar teoria e prática, devemos estar conscientes para o fato de que não há fórmulas prontas para serem postas em prática, a nossa ação deve ser refletida acerca das teorias para encontrarmos uma melhor maneira para atuar, estando embasados cientificamente.

É evidente que se podem conseguir algumas melhorias importantes através de programas e das técnicas de formação do professorado. Mas não se poderá pôr fim ao desajustamento e ao mal-estar dos professores sem que a sociedade reconheça e apoie o seu trabalho em todos os aspectos. (ESTEVE, 1999, p. 120).

Assim, o mal estar do professor se dá principalmente pela desvalorização profissional, as más condições de trabalho que obrigam atuarem de forma passiva nas salas de aula ocasionando o fracasso da educação no qual sempre são apontados como únicos responsáveis. Se a sociedade atribui valor aos profissionais

visando o setor econômico, o salário, então os docentes só serão reconhecidos e apoiados pela sociedade quando passarem a ganhar o devido pelo seu trabalho.

Cavaco (1999, p. 169) relata que “a escola deveria dar mais assistência aos professores, para debater sobre os problemas enfrentados no dia- a- dia”, sugere um trabalho coletivo, onde passam a questionar, debater e direcionar para uma maneira de resolução, pois, quando se pensam coletivamente as situações são mais fáceis de serem resolvidos; talvez pensar coletivamente e assumirem juntos a responsabilidades de projetos de formação profissional possam reverterà descrença em relação à imagem do professor. Além do pensar coletivamente, a escola também deveria dispor de tempo para a tarefa do pensar, pensar a aula, fazer o planejamento da aula na escola; a partir do momento em que surge uma inquietação dá espaço para a produção, ideias com criatividade, devendo ser valorizadas, pois, são situações que geram o intervir na realidade. A autora enfatiza as dificuldades de uma formação profissional: “não só as condições de acesso ao estágio eram difíceis, como a formação profissional para a maioria se mantinha inacessível pelos custos (dois anos a trabalhar sem ganhar e com pagamento de propinas) e pelas deslocamentos que impunham (...)” (CAVACO, 1999, p.171). Vejamos na citação supracitada que ser professor exigia muito desgaste, era mais uma doação; impunha muitas dificuldades. Além de trabalhar sem receber nada, da questão de deslocamento de um local para outro, ainda havia as diferenças de sexo, de grau, de docência no ensino técnico para o liceu, de mestres para professores. A unificação do ensino secundário só foi obtida em 25 de abril, outra conquista também possibilitada pelos 25 de abril foi à gestão democrática criada pelos sindicatos dos professores. “Como em outras profissões, os professores, do grupo etário dos trinta anos, parecem viver um fenômeno de apropriação das múltiplas dimensões do trabalho e das suas regras, procuram descobrir e experimentar as suas competências, redimensionam as suas aspirações, comportam- se de maneira a afirmar- se, a fazer reconhecer a sua identidade profissional.” (CAVACO, 1999, p.180). Geralmente com essa faixa etária dos trinta anos em diante o professor procura viver o presente, visa na ação que tem que desenvolver, em comparação há tempos anterior que se tinha o pensamento no futuro, nas finalidades do trabalho.

Essa intensidade no qual o professor passa pode percorrer percursos distintos: o de exercício pleno do magistério, como professor participativo, inovador que desempenha na escola um trabalho diversificado e gratificante, de acordo com o

reconhecimento social e afetivo. E pode também se desanimar e cair na rotina ao se deparar com baixa remuneração, más condições de trabalho, cobranças, levando o professor a buscar melhorias ou complementação fora da escola.

À escola dá-se, nestas situações, apenas o mínimo essencial à manutenção de uma imagem de competência profissional restrita (...), e o essencial da atividade desenvolve-se noutros locais: são as explicações, os colégios, a elaboração de compêndios, as múltiplas ocupações permitidas pela formação específica (engenharia, contabilidade, etc.) ou até a venda de computadores, joias, vestuário, compondo o ordenado..., confirmando a imagem do professor como sendo um semiprofissional. (CAVACO, 1999, p.180).

Dessa maneira, é possível perceber que o salário do professor já não era significativo precisando ter outra ocupação para completar o ordenado; ordenado no sentido da palavra confere a vencimento dum funcionário ou empregado qualquer, pago periodicamente. Significa que o professor não era pago mensalmente e sim periodicamente, com isso tinha que buscar o sustento em outras atividades, tornando então a reafirmar que o professor era um semiprofissional. Essa necessidade que o professor tem acaba por gerar sentimento de desânimo, não fazendo nada para que ocorram mudanças na escola e adota atitudes passiva frente aos colegas que lutam por mudanças.

A autora argumenta sobre a crise dos quarenta anos, que os professores sofrem entre os 35 e os 40 anos, devido a vários motivos: envelhecimento dos pais, rotinas da sala de aula acabam desviando os seus projetos e vivenciando sua profissão com desgostos, sem sentido; é o cansaço profissional. É nessa altura da vida que muitos professores optam por sair da escola e essa decisão acaba por provocar o abandono de outros docentes à profissão, tornando a escola vazia e pobre para os que ficam. Atitudes como essa acabam por confirmar a visão que a sociedade tem da profissão de professor.

Cavaco (1999, p. 184), fala ainda da fase seguinte que se encontra depois dos cinquenta anos: “a fase seguinte, depois dos cinquenta anos, mostra-se confusa e contraditória. Dá-se grande importância ao passado porque se sente a necessidade de procurar o fio da vida para valorizar o presente e reinventar o futuro”. Os professores que se encontram nessa fase da vida, procuram dar sentido a sua existência, ao seu cotidiano, e tentam lembrar-se do passado, dos motivos que o fez seguir a profissão. Portanto, são nesta fase final que temos uma vasta experiência e conhecimento sobre o trabalho docente, as conquistas realizadas

durante os anos de trabalho, os valores atribuídos à docência e o esforço para ser útil à sociedade. Geralmente, quando o profissional passa pela fase dos cinquenta anos, o que ele mais quer é se sentir útil e necessário para a sociedade, por isso, busca o fio da sua história recriando e ressignificando a sua prática.

Desse modo, o sistema de ensino traz consigo uma bagagem herdada do passado, onde se tinha como clientela a elite, a formalidade, com isso, não conseguem adaptar-se a modernidade, de fornecer um ensino para todos, de promover debates, de questionar e serem questionados, aceitando os saberes que os alunos já trazem consigo. A massificação é um fato, mas não devemos fazer disso situações rotineiras ou entregar-se ao conformismo, mesmo porque é o inconformismo que gera mudanças, inovação e diversificação do trabalho docente.

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Percurso Metodológico da Pesquisa.

A pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro a abril do decorrente ano, com professores que atuam ou já atuaram no magistério lecionando as séries iniciais e que iniciaram seus trabalhos entre as décadas de 1960 a 1990. A problemática da pesquisa entre história e memória: Investigação sobre os sentidos e significados sociais construídos pelos professores das séries iniciais do município de Picos (PI) sobre o ser educador nas décadas de 1960 a 1990 será tratada neste capítulo por meio da metodologia de pesquisa utilizada para o desenvolvimento do trabalho.

Dessa forma, para a realização desta pesquisa, foi utilizado como instrumentos para coleta de dados, um (01) questionário para entrevista com oito (08) Professores que atuam ou já atuaram no magistério, no intuito de coletar dados sobre a carreira do professor em décadas diferentes. A identidade dos entrevistados foi preservada, no intuito de evitar possíveis transtornos futuros. Assim, serão identificados, com nomes fictícios comuns na nossa sociedade: João, Maria, Francisca, Josefa, Antônia, Vitória, Rita e Fátima.

3.2 Resultados da Pesquisa

Atualmente, em relação ao contexto pedagógico, em que se vivencia ensinar exige uma determinação e um domínio abrangente de conhecimentos. A carreira de professor deve ter como base a flexibilidade de postura, a reflexão da prática, a renovação de teorias e em especial o reconhecimento que deve ser o ponto de partida para uma educação de qualidade que tenha resultados significativos na sociedade.

Assim, para termos conhecimentos sobre a carreira do professor através dos tempos, foram entrevistados oito (08) professores, com uma faixa etária de 40 a 50 anos em diante.

Diante da situação vivida atualmente em algumas partes do país, em relação ao modo de vida das crianças nos dias de hoje suas dificuldades, mesmo com

tantos programas do governo. Com isso, foram indagados aos professores sobre como foi a sua infância. As respostas estão representadas no quadro comparativo abaixo:

Década de 60	<p>João- Era trabalhando na roça, ganhando diária. A gente brincava com aqueles carrinhos que a gente fazia de tábuas e saia puxando com um cordão.</p> <p>Maria- Infância legal, ao contrário de outros eu tive infância, brinquei muito, não brincava em casa de outras crianças.</p>
Década de 70	<p>Francisca- Sofrido, foi muito sofrido, com 10 anos perdi meu pai, minha mãe coitada analfabeta, eu num era danada não, mas também não era santa, eu apanhava por tudo.</p> <p>Josefa- Boa. Brinquei muito, trabalhei desde que me conheço por gente, brincava de casinha, de boneca, pulava amarelinha e de roda. Trabalhava em casa, ajudava a olhar os meus irmãos, pegava água.</p>
Década de 80	<p>Antônia- A infância naqueles tempos, no interior com 5/6 anos de idade já trabalhava nos serviços de casa, pegava água no poço, estudava num horário e trabalhava noutro. Brincava só no final de semana na casa das primas com bonecas de pano que a mãe fazia.</p> <p>Vitória- Minha infância naquela época foi difícil, você sabe que naquela época tinha que estudar e trabalhar. É difícil... Às vezes a gente tinha que ajudar a mãe aí não ia para a escola naquele dia. Fácil não foi não.</p>
Década de 90	<p>Rita- Foi uma infância normal de brincar, estudar e trabalhar nos serviços de casa.</p> <p>Fátima- Eu tive infância de brincar e estudar, não fui das que trabalhou quando criança não.</p>

Quadro 1: A sua infância retratada pelos participantes da pesquisa

Fonte: dados da autora

Oliveira (2001), destaca que através dos relatos das histórias de vida as pessoas despertam as lembranças que estão muitas vezes guardadas e através dos relatos podemos captar os valores, os conhecimentos e os repertórios de cada

pessoa. Portanto foi preciso fazer um levantamento da história de vida dos entrevistados, fatos que muitas vezes não parecem importantes, mas, que nos auxiliam e muito na compreensão dos objetivos propostos.

Dessa maneira, o que se percebe é uma diferença do modo de vida de cada década, nas dificuldades que existia na infância especialmente as crianças das décadas de 1960, 1970 e 1980, em que as dificuldades sociais e financeiras influenciavam no modo como as crianças eram educadas. Pois, muitas delas tinham uma rotina que se dividia entre trabalhar e estudar e quando sobrava tempo brincava com os colegas.

Em relação à vida escolar dos professores entrevistados. As informações foram registradas no quadro abaixo:

Década de 60	<p>João- Eu estudava e achando bom estudar. Vinha do meu íntimo mesmo a vontade de estudar. Todo sábado tinha o argumento (perguntas e respostas e quem não soubesse levava palmatória). O aluno mais sabido fazia as perguntas para os demais.</p> <p>Maria- Muito bacana, estudei em Natal até o 1º ano ginasial (5º série hoje). Nunca fiquei no final do ano sem passar não; só no último ano que passei raspando sabe.</p>
Década de 70	<p>Francisca- Estudar não era como hoje não, que nasce e já vai para a escola; só com seis anos de idade que entrava na escola. Eu tive muita dificuldade no primário.</p> <p>Josefa- Também foi boa, fui estudiosa, nunca dei trabalho na escola, nunca repeti um ano.</p>
Década de 80	<p>Antônia- Só lembro quando vim estudar aqui, com 6/ 7 anos, aí naquele tempo a alfabetização era igual à hoje. No 1º ano já tinha os livros, ditado, cartilhas, fazia cópia. Eu sempre fui estudiosa, até hoje. Eu lembro que fiquei na 7º série no ginásio.</p> <p>Vitória- Era melhor do que hoje o aprendizado, porque a 4º série já saia bem... Não é como hoje que saem quase analfabeto, as pessoas se dedicavam mais. Eu fiz a Escola Normal e o Científico, (pegava o módulo na secretaria para ficar estudando em casa, era tipo ensino a distância).</p>

Década de 90	<p>Rita- Foi difícil devido à distância. Sempre fui boa aluna, eu queria tudo ao pé da letra, era preocupada. Tinha medo de tirar notas vermelhas.</p> <p>Fátima- Excelente aluna, tímida demais, quieta demais, não dava trabalho. Não tinha entrosamento.</p>
--------------	---

Quadro 2:A vida escolar dos pesquisados

Fonte: A carreira do professor através dos tempos.

Observando um pouco sobre a relação professor e aluno no momento atual, observa-se que de certa forma há uma integração mesmo com suas deficiências. Diante disso, foram questionados aos pesquisados sobre como era a sua relação com os professores.

João disse que:

“Sempre fui bom aluno, meu professor foi meu pai. Ele quem me alfabetizou”.

Rita disse que:

“Era ótima! Meus professores gostavam muito de mim, até a diretora”.

Fátima disse que:

“Muito boa, eu era comportada, calada, tímida”.

Vitória disse que:

“Muito boa, eu era uma aluna muito aplicada, estudiosa”.

Antônia disse que:

“Eu tinha uma relação boa, de respeito”.

Maria disse que:

“Relação boa, aluno de interior não dá tanto trabalho como os da cidade não”.

Francisca disse que:

“Ótima. Gostei de todas. Tinha aquelas que eram mais rígidas, mas eu não tinha nada contra elas não, ficava na minha”.

Josefa disse que:

“Relação boa. Se bem que naquela época a gente não tinha entrosamento com as professoras não”.

Conforme a fala dos professores entrevistados, pode-se constatar que os profissionais docentes mantinham uma relação amigável com seus alunos, devido os alunos da época retribuírem respeito e atenção para com os professores.

Em relação ao trabalho e a prática exercida pelos professores, perguntou-se então, como os professores eram vistos no seu tempo de aluno (a). As respostas estão representadas no quadro abaixo:

Década de 60	João- Com respeito. Professor tinha o saber, nós estávamos lá para aprender. Maria- Como dona do saber, autoritária.
Década de 70	Francisca- Era uma pessoa que tinha a palavra, dominava a turma. Eram autoritárias a maioria. Josefa- Era uma pessoa superior.
Década de 80	Antônia- Eram autoritárias, só elas sabiam já o aluno era desprovido de conhecimento. Eu procurei ser diferente das minhas professoras, compreensiva, dialogava com eles. Vitória- Como uma autoridade na sala, era um pai ou uma mãe, tinha que obedecer e respeitar.
Década de 90	Rita- Era um exemplo, ou seja, autoridade na turma. Fátima- Do tipo carrasca! Autoritária. Não tinha muito diálogo.

Quadro 3: Como eram vistos os professores no seu tempo de aluno.

Fonte: A carreira do professor através dos tempos.

Há vinte anos verificava-se uma situação injusta, em que o professor tinha todos os direitos e o aluno só tinha deveres e podia ser submetido aos mais variados vexames. Presentemente, observamos outra situação, igualmente injusta, em que o aluno permitiu-se, com bastante impunidade, diversas agressões verbais, físicas e psicológicas aos professores ou aos colegas, sem que na prática

funcionem os mecanismos de arbitragem teoricamente existentes. (ESTEVE, 1999, p.107).

Ainda na década de 1970 para década de 1980 a educação se dava pelo método tecnicista, onde o professor apenas deposita conhecimentos e o aluno adquire de forma passiva. O professor era o único que tinha razão. A partir da década de 90 esse perfil de relação professor aluno é mudado, agora é o aluno que 'pode tudo', agride diariamente os professores, tanto verbalmente afetando sua moral, como fisicamente provocando nesses profissionais enormes frustrações, desgostos, insegurança e mal estar. O fato dos professores entrevistados terem sido educado e convivido com professores autoritários criam-se um modelo de professor na época como uma pessoa superior, dotados de conhecimentos por não haver o contato mais íntimo na relação professor- aluno.

Sabe-se que o professor possui um importante papel para o desenvolvimento pessoal do ser humano e conseqüentemente para a sociedade, embora não pareça devido o professor não ter o reconhecimento que esteja à altura da sua importância. Com isso, foram questionados os professores sobre, qual era o papel social do professor no seu tempo de aluno. Em relação a essa indagação eles responderam que

“Ele era importante, todo mundo respeitava porque era só ele que sabia na região”. (João).

Maria disse que:

“Ai, o professor era respeitado, eles respeitavam”.

Francisca disse que:

“O coitado era muito criticado, era um coitadinho! Era demais! É muito criticado. Eu fiz porque gostava, mas, teve muitos que fizeram, mas não gostavam. No meu tempo não tinha negócio de prova para entrar não, era só fazer a matrícula e já entrava”.

Josefa disse que:

“Pela sociedade era bem visto, tinha o respeito”.

Vitória disse que:

“Naquele tempo o professor era importante. O professor chegava num local era como se fosse um médico, um bancário, um advogado. Hoje em dia, dizer que é professor é criticado, rejeitado. Dizem: ah! É como se qualquer um passasse para ser professor”.

Antônia disse que:

“Ah, o professor era uma pessoa muito importante. Todo lugar que ele chegasse era bem visto, muito diferente de hoje que os veem como alguém que não teve oportunidade de fazer outra coisa “melhor” (que ganha mais dinheiro)”.

Rita disse que:

“Era um exemplo!”

Fátima disse que

“No início era mais importante, era mais valorizado. Agora hoje professor é motivo de chacotas”.

Diante desse contexto, percebe-se que o professor é considerado como o “dono do saber”, como alguém muito importante e valorizado pelas pessoas, principalmente pela importância do seu papel que era e, é o de ensinar e formar o indivíduo como um cidadão de bem, crítico, que exerce e exige seus direitos e deveres. Como já foi citado anteriormente, Esteve (1999, p. 105) aponta que “para muitos pais, o facto de alguém ser professor tem a ver com uma clara incapacidade de ‘ter um emprego melhor’, isto é, uma atividade profissional onde se ganhe mais dinheiro”. Podemos perceber claramente o pensamento de Esteve no argumento da professora número seis, onde relata que hoje veem o professor como alguém que não conseguiu arrumar um emprego melhor definindo o valor do emprego pelo valor do salário que se recebe para tal função.

Perguntou-se ainda, sobre que conceito os professores entrevistados tem sobre ser professor. Assim, eles responderam que:

“É ter aquela satisfação de explicar as sabedorias. Ter o prazer de saber das coisas”. (João).

Maria disse que:

“Ai, eu acho que é uma coisa muito importante, só a pessoa sentar numa sala de aula e ensinar tantas cabeças, orientar, é interessante!”

Francisca disse que:

“A primeira coisa; a gente leva o conhecimento para aquele que estava no escuro. Tinha dias que eu chegava e abraçava o meu marido e dizia: Zé, eu amo minha profissão, eu amo ser professora! Ele dizia: essa mulher tá é doida, quem já se viu? Eu dizia: olha Zé, do professor vem o advogado, o médico, dentista, outro professor. A base é o professor primário, é à base de tudo isso, eu mesma fiz meu primário bem feito! Muitas coisas eu sabia transmitir para o meu aluno através do meu primário.”

Josefa disse que:

“Eu acho que professor significa uma coisa bonita, educadora, porque a educação é a coisa mais importante na vida das pessoas então o professor é importante, não procurei não apenas repassar conhecimentos, eu procurava conhecer cada um.”

Antônia disse que:

“Para mim minha filha, é um sonho que eu realizei, estou realizando e ainda vou realizar, porque eu quero sempre estar me aperfeiçoando. Professor é um pai, uma mãe. O professor era pra ganhar de 3.000 pra lá, porque forma o advogado, o médico, todas as profissões e para que essa pessoa venha chegar em uma universidade, se direcione para uma formação ele tem que ter sido bem orientado nas séries iniciais, então os professores da séries iniciais deveriam ganhar tão bem quanto os demais níveis”.

Vitória disse que:

“É alguém que está ali pronto para ensinar e para aprender. É transmitir conhecimentos, é quem forma todos os outros profissionais”.

Rita disse que:

“O professor tem que ser visto como um dos responsáveis pela turma e tem que dar bons exemplos, conhecimentos”.

Fátima disse que:

“É dar oportunidade aos outros em crescer na vida”.

Com base nas respostas acima, ser professor significa uma pessoa que está à frente do seu tempo que olha sempre para o futuro e que deseja uma sociedade justa com cidadãos capacitados para exercerem suas funções. “A profissão de professor é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão” (NÓVOA, 1999, p.26). Diante disso, entende-se que ser professor é criar condições e possibilidades de pensar, refletir, conhecer e produzir conhecimento para que os seres humanos vivam em uma sociedade igualitária e justa com participação ativa e pleno conhecimento dos seus direitos e deveres de cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização do presente estudo pode-se concluir que a profissão docente é de grande relevância, devido ser um assunto que merece reconhecimento e entendimento, e acima de tudo valorização, pois, o professor exerce um papel fundamental para a sociedade, que é o de passar ensinamentos e de formar pessoas capacitadas para viverem em sociedade. Com isso, o estudo realizado teve o intuito fazer um paralelo sobre o papel do professor a partir da década de 60 ao momento atual, em nível de Brasil, Piauí e Picos.

O trabalho realizado abordou sobre a carreira do professor através dos tempos, em que foram enfatizados os seguintes tópicos: o (des) prestígio profissional; agentes de Deus, agentes dos reis, regeneradores da sociedade; vestígios da mesma história no Piauí e Picos; além, das representações sociais de ser professor (a); e, o perfil do professor na sociedade atual e os reflexos passados. No intuito de destacar a valorização do professor, a sua importância para o indivíduo e para a sociedade, além do seu papel na sociedade atual mediante os reflexos do passado.

Diante desse contexto, entende-se que a profissão do docente ao longo do tempo houve pouco progresso mediante o seu reconhecimento, a sua valorização e condições de trabalho, embora o professor seja um dos profissionais que mais visa e influencia para o desenvolvimento da educação, do indivíduo e da sociedade.

Portanto, conclui-se que o papel do professor, além de tudo, deve ser o de usar a educação como um movimento de luta a fim de influenciar, repensar a educação e conseqüentemente a sociedade e o tipo de pessoas que querem formar. Além do mais, o professor tem um papel político, devido manter-se embasado em questionamentos que tem a educação como um ponto de evidência. Todavia, para que isso ocorra necessita-se que o professor e a educação sejam um dos pontos de atenção e preocupação dos governantes. Para que, a partir de então possa dar o primeiro passo em busca de transformar a sociedade atual em uma sociedade justa com desenvolvimento significativo e almejado por muitos e que essa transformação esteja fortemente ligada à educação.

Dessa forma, pode-se inferir que a carreira do professor deve ser apresentada como uma das profissões que mais necessita de reconhecimento e valorização. Por isso, é preciso refletir sobre as condições de ontem a fim de

construir um presente que seja digno das nossas dependências e digno do que representa ser professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S. F. C. de. Transmissão da psicanálise a educadores: do ideal pedagógico ao real da (trans) missão educativa. **Estilos da Clínica** – Revista sobre a Infância com problemas, 11 (21): 14-23, 2006.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unespi, 1999.
- CATANI, Denice B.; BUENO, Belmira O. SOUSA, Cynthia P.; SUZA, Maria Cecília C. **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escritoras, 2000.
- CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, António (orgs.). **Profissão Professor**. Trad. Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil; ed. Porto Editora. 2. Ed. Portugal: PORTO EDITORA, LTDA, 1999.
- ENQUITA, M.F. A ambiguidade da docência: entre o profissional e a proletarização. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.
- ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. Trad. Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil; ed. Porto Editora. 2. Ed. Portugal: PORTO EDITORA, LTDA, 1999.
- FERREIRA JR, A. e BITTAR M. **A ditadura militar e a proletarização dos professores**. Ed. Soc., Campinas, v. 27, n. 97, p. 1159-1179, set/dez 2006.
- NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (orgs.). **Profissão Professor**. Trad. Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil; ed. Porto Editora. 2. Ed. Portugal: PORTO EDITORA, LTDA, 1999.
- OLIVEIRA, Ercília Maria Braga. Memórias em desordem na coerência de uma vida. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano (org.). **Memórias no Plural**. Fortaleza: LCR, 2001.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes. A memória na reconstrução das histórias da docência. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano (org.). **Memórias no Plural**. Fortaleza: LCR, 2001.
- RIZZINI, Irene. **Percepções de crianças e adolescentes sobre cidadania e participação cidadã**. Rio de Janeiro: CIESPI/PUC – Rio, 2005.
- SOARES, Norma Patrícia Lopes. **Escola Normal em Teresina (1864- 2003): reconstruindo uma memória da formação de professores**. Teresina: 2004.
- SUCUPIRA, N. O ato adicional de 1834 e a descentralização da educação. In: FÁVERO, O. (Org.). **A educação nas constituintes brasileira: 1823 - 1988**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- TOBIAS, José Antônio. **História da Educação Brasileira**. 3 ed. São Paulo: IBRASA, 1986.

VEIGA, I. P. A. Projeto Político Pedagógico: uma construção coletiva. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. 15. Ed. Campinas: Papirus Editora, 2002.

VIEIRA, Maria Alvení Barros. **Educação e sociedade picoense: 1850 a 1930**. Teresina. EDUFPI, 2005.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria. **Historia da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES (AS)

1. Sexo:

() Feminino () Masculino

2) Idade:

() 30 a 40 anos () 40 a 50 anos () 51 em diante

3) Conte um pouco de sua Infância.

4) Fale um pouco da sua vida escolar.

5) Como era sua relação com os (as) professores (as)?

6) Como os professores eram vistos no seu tempo de aluno (a)?

7) Em relação a decisão de ser professor (a):

- Por que a escolha em ser professor (a)?

Como a família viu essa escolha?

8)Em relação ao primeiro emprego:

- Qual escola?

- Primeiros alunos.

- Relação com os alunos.

- Relação com os colegas de profissão.

- Relação com os pais dos alunos.

- Relação com as autoridades políticas.

- Qual o salário?

- O que dava para comprar?

- Participou de algum evento reivindicando melhorias salariais ou condições de trabalho?

9)Qual era o papel social do professor?

10)Qual a classe social dos professores (as) que escolhiam o curso?

11)O que significa ser professor (a)?

Agradeço pela sua atenção e contribuição!